



DIVULGAÇÃO/DAMARES

Damares e Michelle trabalharam atração feminina

Briga com Michelle interrompe busca da direita por voto feminino

Para além dos ataques, o que mais irrita Michelle Bolsonaro e suas aliadas, como a senadora Damares Alves (Republicanos-DF), é o risco de interrupção de um trabalho que vinha sendo feito desde 2018 para a consolidação do voto feminino de direita no país. Curiosamente, a primeira constatação de como era o perfil da mulher eleitora brasileira veio de um trabalho da esquerda: a formação do CadÚnico, o cadastro que organiza as famílias que têm direito ao Bolsa Família e aos demais benefícios sociais. O cadastro mostrou que a maior parte das famílias de baixa renda hoje é comandada por mulheres. E a maioria dessas mulheres é conservadora, especialmente porque grande parte hoje está vinculada a alguma denominação evangélica e é a partir dela que se organiza na sua comunidade. Tratava-se de um público pronto para ser politicamente atraído pela direita.

Trabalho começou em 2022

Candidato à reeleição em 2022, a equipe de Jair Bolsonaro constatou que a sua maior dificuldade estava na conquista do voto feminino. Montou-se, então, o movimento Mulheres com Bolsonaro, que teve Michelle e Damares Alves como principais expoentes. O movimento percorreu o Brasil, não apenas angariando apoios femininos para Bolsonaro, mas identificando mulheres que poderiam se tornar líderes políticas nas suas regiões. Michelle ainda não presidia o PL Mulher.

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL



Mulheres evangélicas comandam famílias de baixa renda

Pastoras e donas de casa

Conforme disse ao Correio Político uma pessoa que acompanhou de perto esse movimento, buscou-se nas diversas regiões mulheres que já exerciam liderança nas suas comunidades, embora em muitos casos talvez nem soubessem disso. Nos casos mais óbvios, pastoras evangélicas, presidentes de associações. Mas também donas de casa respeitadas pela vizinhança. O grupo começou a estimular essas mulheres a entrar na vida política. Michelle conseguiu aumentar em mais de 40% a presença feminina no PL.

“Nós te daremos a mão”

“Nós sabemos que não vai ser um caminho fácil, que vai haver muitos desafios, mas nós te daremos a mão”. De acordo a fonte, era esse o discurso feito por Michelle, Damares e outras para atrair as lideranças femininas. O grande problema a partir do desfecho no qual Michelle saiu do comando do PL Mulher seria: isso não aconteceu. Ao final, as decisões que prevaleceram acabaram sendo tomadas por homens.

Incompetência

Quando Flávio Bolsonaro afirma que o fato de não conquistar a maioria dos votos femininos acontece por falta de competência, ele não deixa de ter razão. De acordo com o último Censo, o Brasil tem hoje mais de 25 milhões de mulheres evangélicas. Elas representam de 50 a 60% do total de pessoas que têm essa religião. Se ele lidera entre os evangélicos, há um problema.

Figueiredo

Michelle ficou com a desconfiança de que Paulo Figueiredo era ali uma espécie de ventríloquo do seu enteado, embora Flávio tenha depois desautorizado o neto do último general da ditadura. Se Michelle está certa e o raciocínio misógino predomina, ignora o candidato do PL um cálculo político que é mais que óbvio.

Decisivas

Somando-se tudo, mulheres comandam a maioria das famílias de baixa renda. Na maioria, são evangélicas. Entre os evangélicos, elas são maioria. Paulo Figueiredo está, assim, recomendando que se ignore o trabalho de conquista de um eleitorado que vai decidir o pleito de outubro. Ou seja, seu raciocínio significa derrota.

Maridos

A estupidez do raciocínio de Paulo Figueiredo, no caso, prosseguiria mesmo na sugestão de que mulheres casadas votariam melhor que as solteiras porque seguiriam a ordem política dada pelo marido. Voltando aos dados do Censo, 51% dos lares brasileiros hoje são comandados por mulheres. Não há maridos. Todas as decisões são delas.

Baixa renda

Esse percentual, segundo ainda o Censo, é maior na população de baixa renda. Entre as famílias hoje comandadas por mulheres, 69,9% vivem com uma renda domiciliar até um salário mínimo. Ao contrário do achismo do voto errado nos Estados Unidos, esses números são estatística. Essas mulheres são as donas dos seus votos.

Dispensa

Assim, se a maior parte dessas mulheres hoje apoiam, segundo o que dizem as pesquisas, a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, isso talvez não seja porque são, na sua maioria, de esquerda. Mas porque o segmento de direita da política, com o qual boa parte delas talvez mais se identificasse, simplesmente dispensa o seu voto.



ALAN SANTOS/PR

Michelle concentrou protagonismo na articulação do eleitorado feminino

Saída de Michelle leva PL a reformular PL Mulher

Aliados tentam convencê-la a manter candidatura ao Senado

Por **Beatriz Matos**

Depois de a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro deixar o comando do PL Mulher, a direção nacional da legenda decidiu extinguir a presidência nacional do segmento feminino. A partir de agora, cada estado terá autonomia para organizar sua própria estrutura, sem uma liderança nacional responsável por coordenar o grupo.

A mudança foi confirmada pelo presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, que afirma ter optado pela descentralização por considerar difícil encontrar uma sucessora capaz de ocupar o espaço político construído por Michelle. Segundo ele, a nova estrutura dará mais autonomia aos diretórios estaduais, enquanto a direção nacional ficará responsável apenas pela fiscalização dos recursos destinados ao segmento.

Nos bastidores, a decisão é tratada como uma forma de evitar novos conflitos internos em torno da sucessão de Michelle. Interlocutores da legenda avaliam que qualquer escolha para substituí-la acabaria provocando disputas regionais e resistências dentro do próprio PL, já que a ex-primeira-dama concentrou forte protagonismo na articulação do eleitorado feminino durante sua gestão.

Ao longo de pouco mais de

dois anos, Michelle percorreu os estados para estruturar o PL Mulher; participou da instalação de diretórios e transformou o segmento em uma das principais vitrines políticas da legenda. O peso adquirido por ela ampliou sua influência nas decisões eleitorais, cenário que ficou evidente na disputa em torno das candidaturas ao Senado no Ceará e culminou na divulgação dos dois vídeos em que relatou desentendimentos com Flávio Bolsonaro e criticou articulações do partido.

Com o desgaste público, Valdemar antecipou o retorno das férias para conduzir pessoalmente uma tentativa de pacificação. A reunião com Michelle, realizada nesta semana, marcou o encerramento de seu ciclo à frente do PL Mulher e abriu caminho para a reformulação da estrutura nacional do segmento.

Apesar da reorganização, aliados ainda trabalham para manter Michelle no projeto eleitoral de 2026. Segundo apuração do Correio da Manhã, a ex-primeira-dama chegou a cogitar a desfiliação do PL e a desistir da candidatura ao Senado pelo Distrito Federal. A ideia, no entanto, foi desencorajada por lideranças próximas, como a vice-governadora do DF, Celina Leão (PP), e a senadora Damares Alves (Republicanos-DF).